



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conyeneres

ANO II — N. 18

Rio de Janeiro, 1 de Outubro de 1917

REDAÇÃO

Rua do Senado 215—217
Telefone Central 1499

Comentando os fatos da atualidade

A imprensa mercantilista, essa desprezível prostituta que se vende a quem melhor lhe pague os seus serviços, procurando justificar perante a opinião publica o barbaro e ignominioso atentado praticado pela policia paulista contra a livre manifestação do pensamento e liberdade de reunião, está novamente empenhada numa infame e irritante campanha de descrédito contra os elementos avançados do proletariado brasileiro. Os Centros de propaganda libertaria foram arbitrariamente assaltados e claustrados. Honrados, dignos e ativos operarios, que, pela sua envergadura varonil, pela retidão do seu caracter, pelo vasto conhecimento que possuem dos problemas economicos-sociais, constituem a vanguarda do proletariado militante, foram violentamente presos, espancados e expulsos do territorio brasileiro. Nada do que ha de mais sagrado, foi respeitado pela horda de cossacos paulistas. Os lares desses proletarios, forão violados, as familias desrespeitadas e quando não prestavam informações seguras sobre o paradeiro das victimas, os esbirros do capitalismo, despotas e tiranos, apelavam para o argumento contumelioso.

Pois bem, a imprensa que devia ser o esponente máximo das liberdades humanas conquistadas através da historia a espensas de tantos sofrimentos, apoia e defende toda essa serie de ignominias.

Não é uma decepção para nós, essa atitude. Pelo contrario, nós regozijamos em ver a tão coerentemente mancomunada com a instituição mais execrável da sociedade, atentar contra os mais sagrados direitos individuais.

Não pode ser mais logico nem mais coerente o procedimento da imprensa capitalista. A missão que lhe está confiada por todos aqueles que defendem a estabilidade do regimen social presente, é essa mesma. Ela não pode consentir que haja cerebros esclarecidos, capazes de ver mais além dos limites da legalidade, os alvares de uma sociedade baseada num principio mais equitativo de justiça e liberdade. Para os jornalistas que exploram a imprensa carioca, o bem estar, a liberdade atinjui no Brazil ao paroxismo. Segundo eles, o proletariado que vive no Brazil disfruta um relativo bem estar, dentro da mais ampla liberdade, e portanto não pode ser suscetível a propaganda, das doutrinas libertarias. Entretanto, nós vemos com que desfaçatez eles levam clamando do Estado, seu amo, medidas economicas contra os estrangeiros que professam ideas avançadas. Decididamente não ha quem os compreenda. Os libertarios, só constituimos uma serie ameaça para a «ordem» social num paiz em que ha miséria, em que ha explorados e em que existe uma força sistematicamente organizada para manter, pela violencia, o equilibrio do antagonismo de interesses, em que se baseia o regimen social vigente. Constituímos uma

seria ameaça para a ordem estabelecida, porque ela esta fundamentada sobre a iniquidade. A exploração do homem pelo homem, o regimen da propriedade privada facilita-nos uma serie de argumentos contra essa ordem podre que os trabalhadores facilmente compreendem o que lhes urge fazer para resolver o problema economico-social.

O que, nós fazemos é constatar e esclarecer a cauza do mal estar dos produtores. Assim, que na opinião dos jornalistas do Rio, a miséria no Brazil é um mito; como temer da nossa propaganda em favor de reivindicações que não têm fundamento?

Como temer da nossa permanencia nesta «hospitaleira» terra, de «igualdade» e «bem estar»?

Se ha liberdade, se a organização social no Brazil está fundamentada sobre a igualdade de classes, se, enfim, os trabalhadores têm pão, roupa, habitação e satisfazem amplamente todas as suas necessidades, que pode influir nos seus atos, a propaganda libertaria?

Resumindo: Se vivemos nesse paraizo que descaradamente é descrito nas colunas dos jornais burguezes, pela conquista do qual propugnam os libertarios, como pode justificar-se a existencia destes?

Os fatos contestam categoricamente toda essa serie de disparates absurdos com que os srs. periodistas pretendem fantasiar a miséria proletaria e demonstram que o capitalismo com os seus tentáculos opressores, o mesmo no Brazil que na China, na França como na Alemanha, divide a sociedade em duas classes, de interesses diametralmente opostos.

De um lado, os proletarios reduzidos á expressão mais denigrante de miséria, fomentam as riquezas sociais; do lado oposto, os capitalistas, sem trabalharem, vivem na abundância disfrutando o produto dessas riquezas.

O Estado fundamentado sobre esse principio iniquo, constituido pelos potentados, com toda a sua força a pretexto de manter a «ordem», encarrega-se de garantir pela violencia, metódicamente organizada, o equilibrio social. Pois bem: o anarquismo é uma dedução científica resultante das investigações sociológicas que grandes pensadores têm realizado através da historia, desde os primeiros vestígios de agrupamentos humanos. Os defensores da sociedade presente, que acreditam que a intelligencia humana já deu o ultimo golpe na tirania, preconizam que as ideas libertarias são subversivas e perniciosas contra a ordem social e põem em perigo a integridade de um povo.

Nesta propaganda difamadora, os que mais se destacam são justamente os vassallos da imprensa. Entretanto, são tão infelizes na sua argumentação pueril contra ideas tão claras e precisas, que, quanto mais as combatem, o povo mais interese ae demonstra em conhecê-las.

Nós, na nossa critica, não podemos em perigo a integridade de

Produção e distribuição

De Malthus para cá, os conservadores de todas as escolas têm sustentado que a miséria não deriva da injusta distribuição da riqueza, mas da limitada produtividade ou da deficiente industria humana.

É certo que a produção em geral e sobretudo a das coisas de primeira necessidade é escassa, insufficiente, quasi ridiculamente pequena perante o que deveria e poderia ser.

O faminho que passa em frente dos grandes armazens abarrotados de generos alimenticios, aquele que de tudo carece e vê os esforços feitos pelos comerciantes para venderem a mercadoria abundante demais para os pedidos do publico, pode supor que ha produtos em abundancia e que só lhes faltam meios para os poderem comprar. E na verdade, alguns anarquistas, iludidos pelas cifras mais ou menos cabalísticas das estatísticas, e talvez ainda para terem na propaganda um argumento impressionante e de facil compreensão para as massas ignorantes, puderam sustentar que a produção efetiva excede em muito todas as necessidades racionais, e que bastaria que o povo se apossasse dela para que todos possessem viver na abundancia. E o fato de se darem crises chamadas de superprodução (quer dizer, o trabalho que falta porque os patrões não conseguem vender os produtos que acumularam) ajuda a confirmar na mente da grande maioria essas impressões superficiais.

Mas um pouco de critica fria e serena, faz logo compreender que essa pretensa grande riqueza deve ser uma ilusão.

O que é consumido pela grande massa do povo é insufficiente para satisfazer as mais elementares necessidades: a imensa maioria dos homens come pouco e mal, anda mal vestida, esta mal alojada, mal provida de tudo; muitos morrem, mesmo de fome e de frio. Se na verdade se produzisse o bastante para todos, visto que o maior numero não consome o suficiente, onde se amontariam então as sobras anuais da produção? E por que inconcebível aberração os capitalistas, que fazem

produzir para vender e ganhar, continuariam a fazer produzir o que não podem vender?

Pela concorrência que os capitalistas fazem uns aos outros e pela ignorancia em que cada um está sobre a quantidade dos produtos que os outros podem, num dado momento pôr no mercado, pelo espirito de especulação, pela avidéz do lucro e por erros do previsão pôde acontecer, e muito frequentemente acontece, sobretudo nas industrias manufactureiras onde é mais elastico o poder produtivo, que se produza mais do que aquilo que é pedido num dado momento; mas cedo vem a crise, a suspensão de trabalho a restabelecer o equilibrio: — e afinal, normalmente, só se produz o que se consome. E' o consumo que governa a produção e não o contrario.

Demais, em materia de produtos alimentares, que são os de mais vital importancia, basta ver que terríveis consequencias produz nos paizes agricolas uma colheita perdida, para ficar convencido de que, comendo mal como come a grande massa, apenas se produz o bastante para ir vivendo de ano para ano.

Se a totalidade da riqueza produzida anualmente, da qual, mais da metade vai hoje para o pequeno numero de capitalistas, fosse igualmente distribuida entre todos, a condição do trabalhador pouco melhor ficaria; e ainda, o seu quinhão não aumentaria nas coisas necessarias mas em mil ninharias pouco menos do que inúteis quando não completamente nocivas. Quanto ao pão, carne, casa, vestuário e outras coisas de primeira necessidade, a parte que os ricos consomem em excesso ou desperdiçam, repartida entre as massas inumeras não produziria mudança sensível.

Portanto é insufficiente a produção e urge aumentá-la: estamos d'acôrdo.

Mas porque não se produz hoje mais? Porque há tantas terras incultas ou mal cultivadas? Porque tantas maquinas inactivas? Porque tantos operarios desocupados? Porque não se fazem cazas para todos, roupas para todos, etc., abundando para isso os materiais e os

um povo, mas sim a prepotencia do Estado que estaciona o desenvolvimento integral de todos os povos. Atacamos acerbamente o Estado porque nele está consubstanciado o predomínio de uma classe sobre outra e não o interesse e a integridade dos povos. Convictos todos os elementos conservadores de que a nossa critica, tarde ou cedo, fará ruir o Estado, libertando os povos da sua tirania, apelam eles para o sentimento nacional dos trabalhadores, aconselhando-lhes o respeito sagrado ao culto da patria e outros sofismas semelhante

Mas felizmente essas ideas «perigozas» cada vez mais se vão accentuando na ordem das coisas. Os homens desaparecem, mas as ideas seguem interruptamente o seu curso. Assim que não será espantando, perseguindo, encarcerando e deportando os propagandistas de uma sociedade baseada nos principios do comunismo libertario, onde não haja anarquistas nem socialistas, republicanos nem monarchicos, mas sim, homens livres sobre a terra livre, que os pedantes da imprensa, os profissionais da mentira, os esbirros da burguezia, conseguirão esterminalizar tão nobres e humanitarias ideas de justiça e liberdade. A historia demonstra claramente que uma idea, por mui perseguida que sejam os seus adeptos, não ha força capaz de esterminá-la.

Ela só pode ser vencida por outra mais justa e racional.

Nós desafiamos a todas as mentalidades que defendem a presente ordem de coisas, que esponham com o poder de toda a sua intelligencia, um ideal mais puro e

mais humano do que é o libertario.

A não ser assim, d'outra forma não seremos vencidos. Não seremos vencidos, porque não nos surpreendemos nem nos atemorizamos com a atitude prepotente e liberticida assumida pela «benemerita» e «heroica» guarda pretoriana paulista, com os aplausos dos vassallos da imprensa.

Não nos surpreende, porque conhecemos perfeitamente os «trucs» maquiavelicos arquitetados pela policia de mão dada com a imprensa, quando periga a «ordem» social. Não nos atemoriza, porque a altivez, o heroismo, a abnegação com que os nossos antepassados preferiram a morte antes que abdicar de tão nobres e humanitarios principios, nos animam a seguir-os protestando sempre, desasombradamente, contra os crimes nefandos do capitalismo e contra todas as e injustiças sociais.

Foram expulsos nove trabalhadores da capital do mais adiantado Estado do Brazil, pelo fato de professarem e propagarem os ideais libertarios. Está por isso terminada a luta social? Não, pelo contrario; com as violencias praticadas contra nós, o povo cada vez mais se apossa das nossas ideas.

Chicago, Barcelona, Milano e Marselha, são ezeemplos frizantes da inutilidade das perseguições.

Querem continuar?

Pois continuem sua faina barbara, que nós esperaremos de pé, olhando altivamente para o futuro, confiando á historia a confirmação da nossa sentença.

R. Rodriguez Martinez

Instruí

A felicidade! Em que consiste essa iluminação? No amor? Na saúde na riqueza? De que serve que um homem encontre todas essas fortunas invejadas, se por cada homem que as possui há um milhão de homens que as não tem?

Há-de nascer o primeiro venturoso quando morrer o ultimo desgraçado.

Amantes apaixonados e milionarios sibiritas que no vosso egoismo vos julgais inteiramente felizes, para aumentar ainda mais a vossa felicidade dedico-vos o seguinte idilio gracioso, escolhido agora, e ao acaso, de entre muitos outros que sucedem no vosso paraizo terreal.

A praça está dezerta. A noite fria como gelo. E enquanto as begônias dormem no conforto das estufas, ha ali uma creatura humana que dorme nas pedras das calçadas.

De dia pede esmola, á noite exige-a. A' hora da missa encontra-se á porta das igrejas, é o mendigo; á hora do crime, encontra-se á esquina das vias, é o ladrão. De dia traz muletas, de noite traz navalha.

Vê-o. E' uma ignominia embrulhada num farrapo. Caiu ali como um fardo de miséria, estupidamente, brutalmente, mascando pragas.

De onde veio esse homem? Da prostituição, do todo anonimo. Entrou na vida pelo postigo duma ródia e hade sair da vida pelo alçapão duma guilhotina. Rompeu dum ventre como um sapo dum esgoto.

A mãe quando o deu á luz não viu o fruto do seu amor, viu a prova do seu crime. Esconden-o no misterio,

(Continua no da página)

homens capazes e desejosos de os utilizar? A razão é clara. E é que os meios de produção, sólo, materias primas, instrumentos de trabalho, não estão nas mãos dos que tem necessidade dos produtos, mas pertencem como propriedade privada a um pequeno numero de pessoas que d'eles se servem para fazer trabalhar por sua conta, e só na quantidade e na maneira que convem ao seu interesse proprio.

Hoje o homem não tem direito a nenhuma parte dos produtos pelo simples fato de ser homem: se come e vive é só porque o capitalista, possuidor dos meios de produção, tem interesse em o obrigar a produzir para o poder explorar.

Ora, o capitalista, não tem interesse em desenvolver a produção além dum certo limite; é até, pelo contrario, interessado em que haja sempre uma relativa carestia. Por outros termos, faz produzir em quanto pôde vender os produtos mais caro do que aquilo que eles lhe custam, e aumenta a produção em quanto, paralelamente, aumentam os lucros: mas quando vê que para vender devia rebaixar muito os preços e que a abundancia levaria a uma diminuição absoluta do lucro total, detem a produção e até — há mil ezeemplos disso — destroi uma parte dos produtos disponiveis para aumentar o valor da parte restante.

Por isso, querendo-se que a produção cresça de modo a poder satisfazer plenamente as necessidades de todos, é preciso que ela seja feita justamente «em vista das necessidades a satisfazer», não já para proveito exclusivo dalguns. E' preciso que todos tenham direito a empregar os meios de produção.

Se quem tem fome tivesse direito a tomar o pão, não haveria remedio senão fazer as coisas de modo que houvesse pão para saciar a vontade a todos; e as terras cultivar-se-iam, e os metodos antiquados seriam substituidos por metodos de cultura mais produtivos. Se, pelo contrario, como hoje, as riquezas existentes em meios de produção e em produtos acumulados pertencem a uma classe especial de pessoas, e esta classe provida de tudo, pôde mandar fuzilar os faminhos que gritam de mais, a produção continuará a deter-se no limite marcado pelos interesses capitalistas.

Em conclusão, a causa da produção escassa é, hoje, a mesquinha distribuição; e se se pretende destruir o efeito é preciso destruir a cauza.

Para que se produza o suficiente para todos é necessario que todos tenham direito a consumir o suficiente.

E assim fica demonstrada a tese socialista que o problema da miséria é antes de tudo uma questão de distribuição.

Henrique Malatesta



Instruí

(Continuação da 1.ª pagina)

como o assassino esconde a sua vítima. E o pai? Seria um príncipe ou um refugiado galês? E' indiferente. Em ambos os casos um bandido.

E de resto que lhe importa a ele! E' um fruto do chão, um fruto pôdre. Vem do estrume e vai para a forca.

Aos dez anos conhecia todos os vícios, ignorando todas as virtudes. Na época em que as crianças apanham ninhos ele roubava relógios. Precocidade! Na idade em que se aprende a ler ele aprendia a assobiar.

Os preconceitos e os crimes buscam cerebros analfabetos, como os morcegos e os chacais buscam os subterrâneos ás escuras. Há mais luz nas vinte e cinco letras do abecedário do que em todas as constelações do firmamento. Não teve pai, não teve mãe, não teve berço e não teve escola. Germinou como um tortulho venenoso. A lama ensanguentada da miséria tem destas gerações expontaneas!

Aos 15 anos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das aljibeiras, tirava libras das gavetas. Ao principio entrava pelas portas, depois chegou a entrar pelos telhados...

Seis anos de cadeia: uma formatura em ladroajem.

Quando entrou levava uma gazua; quando saiu trouxe uma navalha. Foi rapazola e veio tigre. A cadeia enguliu um malandro e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo e léccionou-o na facada.

Dal por diante distribuiu o seu tempo deste modo: tres anos nas galés e tres mezes na taberna. Um assassino sai muitas vezes duma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa!... combinado com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se a indijencia, o «Delirium Tremens». Naquele cerebro de perversidade passou um terramoto de loucura.

Por fim al o tendes. E amanhã, a estas horas, quem saberá? Estará talvez numa guilhotina, dentro duma cova ou no fundo dum rio. O cutelo, a miséria e o suicidio disputam-no entre si: tres abutres á espera dum cadaver.

Filantropos sociais, respondi-me a isto: — As vossas estatísticas dizem — A instrução diminui a perversão, quer dizer o alfabeto diminui o crime. O crime é uma doença da alma, como uma pneumonia é uma doença dos pulmões.

Para a doença há um remedio e para o envenenamento há um antidoto. Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a como uma escola. O professor ha de eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas dos espiritos como os miasmas dos pantanos. No homem ha duas coisas: — o instinto que é um cégo, e a consciencia que é um farol. As consciencias são as sentinelas dos instintos. A razão é o domador dos appetites.

Como se faz a reparação? Iluminando as ruas? Não; iluminando os cerebros. A grilheta castiga os assassinos, mas não resuscita os assassinados. Não indemniza, vinga.

Ora muito bem, senhores economistas filantropos.

Se as vossas estatísticas, com a exactidão precisa dum termometro vos declaram que a instrução faz baixar a criminalidade cincoenta, quarenta, vinte por cento que seja; se elas vos afirmam, repito, essa verdade indiscutível, respondi-me claramente, á pergunta que vos faço.

Dentro duma cadeia há cem analfabetos. Se a sociedade tivesse ensinado a soletrar, esses cem crimes ficariam reduzidos a oitenta. Quem é, pois, responsável pelos outros vinte? A sociedade.

Se não admitis a conclusão, rasgai as estatísticas; se a admitis, como creio, fareis o seguinte:

Ha um juri instituido para julgar um assassino analfabeto.

A sentença deve ser esta:

Considerando que as feras não podem andar em liberdade pelas ruas;

Considerando que a miséria do criminoso foi um incentivo para o crime;

Condenamos o monstro a ser metido numa jaula;

Condenamos o ignorante a ser metido numa escola;

E condenamos o vadio a ser metido numa officina.

Dê-m-lhe uma cadeia, um alfabeto e uma ferramenta.

Mas, considerando que, se a sociedade tivesse fornecido um A B C ao ignorante e um officio ao mendigo, a soma da ignorancia com a miséria não produziria este resultado: — o crime;

Considerando que a sociedade foi a causa e o bandido foi o efeito;

Condenamos a sociedade a que dá

A Revolução Franceza e as Misérias da

Sociedade atual

Foi no século XVIII.

O povo derreava-se sob o pezo da mais vil escravidão, os corações sangravam-se, comprimidos pela angustia e pela vergonha, gritos horríveis, partidos de peitos doloridos, enchiam a atmosfera, aumentando o negror d'aquella tetra noite, e lagrimas copiosas escorriam pela face escaveirada da plebe faminta, empapando o sólo do paiz dos Francos.

Mas todos esses sofrimentos, todos esses brados de aflicção, todos esses prantos não eram tidos em conta pelos crapulas coroados, e eram reprimidas pela violencia dos tiranos quaesquer veledades de emancipação.

O rei e a sua camarilha desperdiçavam milhões com as suas amantes e com um luxo oriental, enquanto que a classe oprimida, contorcida-se desesperadamente, delirando de fome! Já nem um raio de esperança cintilava no cerebro desvairado dos párias d'aquella época, que olhavam, tremulos e tristes, para a fortaleza maldita da Bastilha, que se erguia, afrontadamente, n'uma praça de Paris, como que para impôr silencio aos bramidos da fome.

Tal estado de coizas, não podia perdurar por mais tempo. O odio dos explorados pelos exploradores crecia de dia para dia, o rei atirava sobre os seus vassallos, já arquejantes de cansaço e de fadiga, tributos pezadissimos, e, cada vez mais, as já escassas particulas de liberdade e de direito que o povo possuia, eram a este arrancadas pelos nobres insaciáveis e cruéis. Só uma revolução, grande e sangüinolenta, poderia pôr fim a tão grande iniqüidade. Foi o que aconteceu. A pólvora fôra introduzida na Europa no século XV, e os servos e burguezes já não temiam as outras invencíveis lanças da cavalaria nobre. No dia 14 de julho de 1786, a burguezia parisiense, secundada pelos servos da gleba do resto da França, levantaram-se, ávidos de pão e liberdade, e mostraram ao mundo o valor de um povo quando unido e famelico. A Bastilha fôra destruida e, com ella, a torpe e miseravel nobreza, que havia martirizado um povo durante séculos.

A servidão desaparecia, e, das ruinas ainda fumegantes da sociedade antiga, surtira, forte e varonil, a então risonha e tranqüila familia proletariana. Ela nacia confiante no futuro, certa de que as leis emanadas da Revolução seriam cumpridas, e de que seriam felizes na terra, recebendo o produto integral do seu trabalho...

Hoje, dezenas de anos são passadas, e verificamos, tristes e maguados, que quasi nada adiantaram tantas mortes e tanto sangue derramado! E' que os revolucionarios não haviam destruido os governos, mas, sim, substituido por outros... Os burguezes que haviam sido tão ausiliados na Revolução pelos servos, fizeram actes de degraus e subiram ao poder. E subiram ao poder cheios de orgulho e de arrogancia como a decada nobreza, e têm vindo tiranizando, através os anos, a infeliz classe operaria, que já não suporta o pezo de tantas infamias.

O antagonismo dos interesses aumenta cada vez mais na sociedade moderna, e a luta de classes já toma proporções colossaes.

No Brazil, nós vemos os governantes, verdadeira quadrilha de ladrões, locupletarem-se á custa do suor do povo, roubando descaradamente os cofres da nação, e praticar os atos

mais vergonhosos, infames e torpes. Os industriais, que as mais das vezes são estrangeiros, apoiados pelo governo, exploram barbaramente os seus empregados, obrigando-os a trabalhar horas excessivas, e pagando-lhes um salario infamante, que mal chega para enganar o estomago dos seus queridos filhinhos.

Esses gatunos de cazaca vivem como uns nababos, comendo do bom e do melhor, habitando palacios magnificos, gastando rios de dinheiro com as prostitutas, festas e banquetes, e passeando de carros e automoveis pelas ruas asfaltadas e embelezadas pelo braço creado do operario obscuro. Enquanto isso, a plebe, róta e desprezada, contorce-se em convulsões de desespero e de impaciencia, no chão frio e humido das choças miseráveis em que moram. A' vezes, ella deixa, por momentos, as suas lugubres e horrendas habitações, e vem para defronte dos palacios, coberta de farrapos e com a face palida e espantada, dizer aos potentados que também ella quer um lugar do banquete da vida, e que os seus filhinhos têm fome e tiritam de frio. Mas os senhores da terra e do dinheiro a nada ouvem, e aos justos reclamos da pobrezinha, respondem com o sabre, a carabina e a pata de cavallo. Então, ella recolhe-se desconsolada e abatida, aos covis d'onde saiu, reúne em volta de si os innocentes filhinhos, e os vê definhando dia a dia, corroídos pelas doenças e pela miséria.

Ha quantos séculos vêm esses milhões de desherdados arrastando-se pelo mundo, e recebendo insultos e vexames dos grandes e poderosos! Ha quantos séculos eles buscam a liberdade, que foje diante de si, e ha quantos séculos gemem sob o jugo dos tiranos! Quanto têm sofrido! Quanto têm padecido em todas as épocas e em todos os paizes! No Egipto encontraram Khéops Kephén e Menkerá, que os mandaram construir as colossaes pirâmides que ainda lá permanecem como um atestado da barbaria d'aquelles tempos; na Roma antiga, sofreram o jugo de Caligula e de Nero, na Espanha aturaram o governo despótico do sifilitico Fernando VII, e ainda hoje, em pleno século XX, assistem, indignados, no Brazil, as cenas de vandalismo que as policias do Rio e S. Paulo cometem contra elles.

Ainda ha poucos dias o imbecil e catolico, simo governo paulistano espulso do territorio brasileiro nove operarios honrados, trabalhadores e inteligentes. Arrancou-os do seio das suas familias, sem que ao menos lhe podessem atirar um ultimo olhar de despedida e arrojou-os aos porões d'um navio, sem roupa, sem familia e sem dinheiro!

Portanto a obra da Revolução Franceza ainda está por completar: Uma nova Revolução ha-de ser feita, para que se conquiste, afinal, a liberdade. Uma nova Revolução que saneie a terra dos parasitas sociais e que faça a expropriação jeral da burguezia, em beneficio da comuna livre e humanitaria.

Mas antes que chegue essa grandioza Revolução coletiva, revoluções individuais ha-de ser feitas. Antes que venha esse dezejada dia do ajuste de contas, a morte de Friguez Martinez ha de ser vingada, e os espulsores dos briosos prisioneiros do «Curvelo», ha de pagar caro a sua estupidez. Assim como cairam Falcon e Pinheiro Machado, assim também ha de cair todos os exploradores e bandidos.

27-9-917

Izauro Peixoto

Reaja o povo!

A este momento, com toda a certeza, ha de estar se lambendo e relambendo de alegria, a camorra escravocrata que com deslavado cinismo vem de ha muito martirizando, escorchando e vituperando o proletariado honesto e consciente das infelizes terras paulistas.

E' que a camorra, de mãos dadas aos gaites da industria e do commercio, começou a dar execução ao tenebroso plano que arquitetara, quando do grandiozo movimento emancipador levado a cabo, em julho deste ano, pelo proletariado da Paulicea.

Naqueles dias de effercencia, motivada pela justa indignação de toda uma classe que se sentia miseravelmente explorada, as autoridades paulistas, trancadas de pavor, agachadas de medo, acovardadas diante do vigoroso protesto do operariado, a tudo jezuíticamente acederam para acalmar a colera justissima da plebe rorida pela fome e torturada por um trabalho exaustivo e mal remunerado. E, pondo de intermedio a imprensa da cidade de S. Paulo, completamente aparelhada, os dominadores fizeram ao operariado anozedo do bem-estar a que tem indiscutivelmente direito, as promessas que se conhecem.

Fazendo-as, entretanto, era intuito decidido e perentorio dos oligarcas odientos da terra do café, não só desfazerem, passada a tor-

mentação, o compromisso assumido para com os trabalhadores, como também perseguirem com a ferocidade do costume, aqueles que mais se tivessem distinguido na campanha ardorosa e veemente contra a estorsão e abusos inomináveis do capitalismo explorador.

E o plano de vingança, perfida e maldosamente ruminado pelas lemas do brio e do carater, que tanto são os salafriosos da corja governativa do Estado de S. Paulo, principiou a ser executado com sauguecedencia de chacaras, para a indizível satisfação do golgômor Aureliano e demais fraldiqueiros da Sebastião Polita famosa, os quaes, como é facil imaginar, ha de estar a fremir de impaciencia por se lhes oferecer ensejo de mostrarem também as invejáveis habilidades inquisitorias.

Com o empastelamento de «A Plebe» e as prisões e as torturas e as espulsores do homem de mãos calozas mas inteiramente limpas, como as não possuem os mandriões da alta roda, lançou a tropilha fanjada pelos Rodrigues Alves e Altivos Arantes, a luva de desafio ao povo trabalhador.

Que esse povo, assim provocado, levante galhardamente a luva e, com pulso rijo e inda mais rija a vontade, reduza a farelo a prepotencia da camarilha odioza que o desengana de modo tão revoltante!

Que esse povo, assim espinchado e oprimido tão reatoramente, ponha ponto final á serie de enroscathos e vilzezas que tem sofrido, entrando, definitivamente, na posse coletiva das riquezas sociais por ele produzidas e acumuladas hoje nas unhas de uma minoria parozitaria e voraz!

O direito á vida e á liberdade não se pede, não se mendiga: toma-se, conquistada-se, a contra-gosto dos tiranos!

A vida da classe

A proposito da regulamentação das horas de trabalho e o descanso semanal

No Conselho Municipal vai se cojitar da regulamentação das horas de trabalho e descanso semanal. Parece que uma lei nesse sentido já foi entregue á comissão de justiça do Conselho. Pois bem. Não vão os companheiros pensar que do desideratum do Conselho, aprovando ou reprovando a lei, depende a victoria decisiva da nossa cauza. Aproveitemos a oportunidade do momento, para despertar do estado de letargia em que temos permanecido. Hoje mais do que nunca precisamos olhar para o passado. A historia da nossa vida associativa contem tantas desiluzões, que presentemente bem nos podem servir de aproveitáveis e necessarias lições.

O Centro Cosmopolita, associação representativa dos nossos interesses, no qual temos consubstanciado as nossas velhas aspirações de um melhor estar na sociedade, embora tenha sido, aparentemente, vencido na luta grandioza que através da historia da nossa vida associativa vem mantendo contra o predomínio inquisitorial da ignorancia dos nossos exploradores, ainda ostenta orgulho, digno e activo, o seu heroico e invencível pavilhão, que, tarde ou cedo, ha de infalivelmente acobertar vitoriosamente esta classe liberta. Entretanto, nós, aqueles que tanto temos clamado contra a opressão e a tirania, que infelizmente constituimos uma insignificante minoria em proporção ao numero elevado de individuos de que se compõe a nossa coletividade, devemos ser previdentes, procurando evitar mais uma desilusão.

Precizamos afirmar a nossa potencialidade associativa, ao mesmo tempo que esperamos a resolução dos srs. Intendentes municipais para que a lei não seja mais uma das muitas que estão escritas sem valor. Portanto, torna-se necessario que todos aqueles que vão ser beneficiados pela lei, se interessem por fazel-a cumprir ao pé da letra. Mas não será discutido pelos cantos das ruas nem pelos botequins, o melhor modo de contribuímos para esse fim. Urje uma immediata, eficaz e criterioza medida, sem a qual não acreditamos ser possível fazer-se nada pratico.

Essa medida urjente deve ser a seguinte: A classe em pezo, num protesto unanime de solidariedade, deve associar-se. Porque devemos convencer-nos de que uma organização de trabalhadores só tem o valor, a importancia e a força que esses mesmos trabalhadores lhe hipotecam. Um Centro, ou Sindicato, não são entidades dualistas que fazem milagres. A associação só pode conquistar melhoras para uma classe, quando os individuos que a compõem se interessam por ella.

Assim, á diretoria do Centro cabe o direito e tom sobre si a responsabilidade de orientar intelijentemente a classe neste momento.

E' necessario preparar-nos para que a projectada lei não seja mais uma lei somente escrita.

Assembléas do Centro

Nos dias 11, 15 e 18 do mez passado realizaram-se no Centro Cosmopolita, respectivamente, as assembléas convocadas para discutir o relatório da Comissão de Poderes que é annualmente eleita em assembléa geral para fiscalizar os atos da Diretoria que terminou o seu mandato a 31 de Julho de 1917. Essas assembléas infelizmente foram muito pouco concorridas, o que devesmos lastimarmos por ver que os associados do Centro continuam a menosprezar os seus interesses, justamente no momento em que todos nós devíamos fundamentar num principio estatal e progressivo a discussão, dos problemas que nos dizem respeito as assembléas que, até hoje, se tem realizado na maior confusão.

Alguns companheiros que sistematicamente procuram postergar as deliberações das assembléas, adotaram o mesmo procedimento. Para discutir assuntos sem importancia, esses companheiros tomam um tempo precioso; aqueles que tenham que apresentar-se ás 5 ou ás 6 horas da manhã no serviço. São esses costumes contraproducentes que têm o Centro e tacionado, esperando a rejeição dos nossos costumes prejudiciais. A attitude da Comissão de Poderes representada pelo «leader» Francisco Alexandre nas mencionadas assembléas, não esteve muito de acordo com os metodos que os trabalhadores devem adotar na apreciação de atos praticados por companheiros que ocupam cargos na direcção de uma associação, não sempre com a pratica necessaria. O companheiro Alexandre, muito conhecido pelas suas ideias conservadoras, invocando a toda hora a lei, pretendia

transformar a assembléa num tribunal burguez para julgar os companheiros do que tinham dirijido os destinos. Centro no periodo do ano findo, pelo Nós cremos que as directorias irre-simples fato de cometer alguaser «pro-gularidades, não mer s- zioamslu e -e sadas», quando ellas «cem prejudicamo interesses materiais não economicos da coletividade. Isso é u ma questão que depende de pratica, e assim sendo não devemos admirar-nos.

Sobre o relatório: a nosso criterio, não é de todo uma nulidade, mas também devemos dizer que está longe de ser o que nós esperavamos, dado o tempo que lhe tomou a Comissão.

Para ser o resultado de dois mezes constantes de trabalhos infatigáveis e confabulações a porta fechada, não recompensa tanto esforço e sacrificio. O relatório de uma comissão de poderes, em logar de ser um documento cheio de perguntas sem resposta, deve ser um contendo de iniciativas amplas e progressivas.

Assim como longe de ser um processo instaurado contra companheiros, deve ser um estudo critico feito com ponderação e criterio.

Caifás, dança de velho

A maioria dos companheiros devem conhecer bem o celeberrimo Caifás que na precedente «encarnação» chamou-se Ignacio Areal. Pois bem. Esse diabo tem pintado a breca nestes ultimos dias. No domingo de manhã, estavamos saboreando uma deliciosa chieira de café, quando o vemos passar pressurozo e intranquilo, gesticulado e como um idiota. Por curiosidade e como se tratase de uma personalidade que se tem celebrizado pelas suas façanhas, acompanhamo-lo de longe.

O animalzinho debatia as orelhas com uma insistencia tal que chamava a atenção de todos os racionais que passavam. Procuramos indagar o que havia de anormal. Tratava-se de um cazo muito simples. No sábado tinha sido informado pela «A Noite» de que o Conselho Municipal estava cojitando de regulamentar as horas de trabalho e o descanso semanal dos empregados em hotéis, restaurants, cafés, etc.

Ora, isso era um absurdo, uma ignominia. Entrou irritado no estabelecimento e sem tirar o chapéo começou a dar curso ao seu «bom» sentimento de escravocrata, maltratando todos os que lhe apareciam na frente.

Uma chuva medonha de anatemas começou a cair sobre o Centro Cosmopolita. Centro de vagabundos, dezordeiros, canalhas, enfim, uma serie de disparates. Com uma crizes destas exclamava o Caifás indignado.

E não resta duvida que tem razão. Um dia de descanso por semana e 10 horas de trabalho para os cozinheiros, que estão acostumados a trabalhar 16 horas e anos inteiros sem descansar, é um ateujoado contra a autoridade do chará do juiz hebreo, que vai ferir os seus interesses de capitalista. E logo nesta crizes que atravessamos!

Pobre homem! O Caifás é um patrao que antes de existir essa crizes tão falada e tão explorada pelos que menos a sentem, dava descanso semanal e 10 horas de trabalho. Mas... a crizes é o diabo. Decididamente o Centro Cosmopolita é levado da breca.

Um cazo interessante

Segundo estamos informados os caixeiros que trabalham na caza Heim, são amantes estremezos do sport. Todas as segundas feiras, discutem acaloradamente a victoria deste ou daquele club de foot-ball.

Indagando qual o motivo de abraçarem com tanto afínco a cauza sportiva, informaram-nos de que não eram elles que gostavam de discutir uma questão tão impropria para caixeiros de restaurant, mas sim um filhote da caza de nome Henrique que quando não tem que fazer puxa barbante e zás, os bonecos começam a brincar e discutem sobre o foot-ball para lhe «gustar al muchachito». Pobre gente, quanta miséria moral prezenciamos. Mas não é só isso, eles não discutem somente, pagam também a sua respectiva mesgualidade de acordo, isto é, forçados pelo diabo do rapaz. E' interessante, parece mentira, mas é verdade. Nenhum deles se interessa com a sua associação de classe. A não ser dois, os restantes todos olham o



O QUE É VERMUTIN

É um aperitivo-estomacal moderno, elegante, original, que se toma puro, gelado com água, syphon ou misturado com outro.
 É uma bebida deliciosa, com poderes tônico digestivo-nervinos e virtudes, RADIO-ACTIVAS, que influem no organismo, rejuvenescendo a todos que fizerem uso.
 Nota-se o paladar delicioso que fica na boca depois que se bebe o VERMUTIN! Tome gelado que é delicioso!
 O appetite renasce, a juventude se conserva e se prolonga, a velhice adquire novos reforços para resistir aos seus efeitos!
 Tome sempre, repeti as doses de 3 a 4 cálices por dia e ao fim de 15 dias sentireis os benefícios do RADIO-APERITIVO INDIANO — VERMUTIN — do Dr. Eduardo França.
 Encontra-se em todos os hotéis, restaurants, cafés, confeitarias, bars, botequins e armazéns.
 Unicos depositarios: Mourão & C., Rua do Rozario 133—Concessionarios: Coutinho Neves & C., Rua Buenos Aires, 96, sobrado.

Centro Cosmopolita com um certo desprezo, que caracteriza sempre os imbecis, os estúpidos. Preocupar-se em discutir assuntos da sua classe, isso é para eles um caso sem importancia. Isto é, se tivesse o seu dono algum "munchachito" que gostasse de entreter-se em vel-os discutir sobre o Centro Cosmopolita, eles certamente dançariam ao som da muzica, mas do contrario não vale a pena. Pobres homens e tenham barbas na cara... como as honram...

Devem tiral-as e colocal-as em lugar seguro.

Um companheiro que desaparece

A 19 do mez p. p. (quarta feira) faleceu o nosso companheiro Joaquim Fernandes, em consequencia de uma conjestão cerebral. Sentimos profundamente a morte desse companheiro que sempre manifestou ardentes simpatias pelo Centro Cosmopolita.

O seu enterro efetuou-se no dia 20 do mesmo mez, ao qual o Centro Cosmopolita se fez representar.

Liberdade de palavra ou obstrucionismo

Para B. Alonso e A. Primo Villarino.

Não deveis estranhar, caros amigos, na qualidade de personalidades em destaque na vida associativa da nossa classe, que inspirado no desejo de cooperar, na medida do meu insignificante conhecimento, pelas questões associativas, pela obra salutar e impulsiva da rejuvencão dos nossos costumes contraproducentes e nocivos, vos traga ao cenário da critica, apontando-vos como principais responsáveis pela desorientação predominante em todas as assembléas do Centro Cosmopolita. Certamente, vós, com um sorriso ironico que é peculiar a todos os homens superiores, me recebereis de braços abertos no cenário da critica, talvez como um novato, ao vosso lado; ou do contrario, como um discipulo que jamais conseguiu compreender a fundo as vossas doutrinas, pela sua elevada concepção filosofica. Entretanto, devo dizer-vos que, não buendo negar a vossa competencia e o valor pouco aproveitavel da vossa propaganda no

nosso meio, não posso aceitar de bom grado ser apontado como vosso aluno.

Não resta duvida que no dia em que eu apareci no Centro, já os estimados amigos punham á disposição da classe os seus elevados conhecimentos associativos e dispunham do mesmo prestígio que hoje têm na coletividade. Mas isso não é documento sufficientemente capaz de convencer-me da utilidade dos vossos esforços. Em todo caso, apesar de todos os pezares, não duvido de que benevolamente me haveis de ler, e, se tiver a felicidade de me fazer compreender, intalivelmente chegaremos a um accordo satisfatorio. A questão é não desviar a nossa discussão, ou polemica, se é que os companheiros estão dispostos a dizer alguma coisa, em resposta ao meu artigo, nas normas da lojica e da razão.

Eu, francamente, não pretendo aqui, nem por sonho, defender o rejimen da rolha na nossa associação. Mas, o que é verdade, é que não compreendo a liberdade de palavra que vós tão tenazmente defendeis. Confesso, que em algumas lutas estabelecidas no Centro Cosmopolita vos colocasteis ao meu lado, mas sem compartilhar jamais das minhas ideias, fazendo simplesmente numero. Assim, não tendo nunca assumido compromisso algum em defender conjuntamente com os companheiros um programa ou uma iniciativa, tenho ampla liberdade de falar claro.

Se o que compreendeis por liberdade de palavra é esse obstrucionismo dissolvente do qual fazeis uzo em quasi todas as assembléas, eu francamente tenho de optar pelo aniquilamento dessas liberdades perigosas, visto nos poderem prejudicar os interesses coletivos.

Longe de mim a idéa, como já disse, de pretender restringir a liberdade de palavra no seio das assembléas. Isso seria um absurdo, uma incoerencia ridicula. Depois de tanto me esforçar em abrir brecha nos costumes tradicionalistas e retrogrados sustentados no Centro Cosmopolita por uma maioria conservadora, não deve despertar suspeita a minha atitude. Ela é fundamentada nos mesmos principios que me levarão a fomentar a campanha do jornal.

É em defeza da liberdade de palavra, que vós ignorantemente deturpais, que eu escrevo verberando o vosso procedimento, pouco compativel com os nossos interesses e com o respeito mutuo que deve predominar em todas as reuniões de trabalhadores que, ligados pelos mesmos laços de miséria, se congregam para a conquista de melhores coletivas.

Não se compreende a liberdade de um individuo, quando ela escraviza milhares.

Não se compreende o uzo da vossa liberdade de palavra nas assembléas, porque abusae da liberdade alheia. Assim, embora continuando a ter-me na categoria de novato, deveis tomar o meu conselho e deixar de martirizar os companheiros que roubam duas ou tres horas ao seu descanso para virem, cansados, assistir á discussão dos problemas que

lhes dizem respeito, companheiros esses que não devem estar á mercê do vosso capricho. Ninguém deve, nas assembléas, submeter-se ao vosso obstrucionismo dissolvente. No proximo numero, occupar-me-ei novamente do assunto.

Um abnegado propagandista

No Restaurant Brazil, ha certos costumes extravagantes. O proprietario, impellido pela crizi, rezolveu que todos os seus empregados paguem integralmente a louça que quebram no serviço. Esses companheiros, de espinha dorsal muito flexivel, aceitarão de bom grado a deliberação do patrão.

Um deles, não conforme em aceitar pusilanimemente a deliberação absurda e ezecravel do seu amo, fez-se propagandista entusiasta dessa doutrina. Esse companheiro, que segundo informações tom a "alcunha" de «cencrença» ou «chaleira», tão pronto como deixou o serviço fez uma inteligente visita a um patrão seu amigo e participou-lhe o ocorrido, lastimando ao mesmo tempo a situação precaria que os patrãozinhos atravessam.

Pobre imbecil! Abençoado carneiro que tão mansamente te deixas cardar! Mas olha, senvergonha, aceita o pezo da tua covardia e deixa de ser propagandista tão estúpido, prejudicando outros companheiros mais dignos E leva-te, sé homem, se queeres tratar com eles.

Estás ouvindo, idiota?

Toda a correspondencia destinada a esta seção, deve ser dirigida ao Secretario do Centro Cosmopolita.

Brevemente

Acha-se em confeção nas oficinas graficas do COSMOPOLITA, e aparecerá brevemente, um interessante historico do Centro Cosmopolita, nos seus 14 anos de lutas sociais.

É um trabalho que, estamos certos, despertará bastante interesse no nosso meio, pois que constituirá balanço verdadeiro da vida, por vezes acidentada, do baluarte das nossas aspirações de bem estar e liberdade, e uma narrativa fiel dos epizo-

Companhia Hanseatica
 Bebam as cervejas
Polar, Cascatinha, Iracema e Sumaré

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na propria nascente

diOS mais notaveis da vida associativa.

GARÇÔES! RECOMENDE O

Cognac MARTELL

A grande marca Franceza. É o melhor e mais popular

Bar Fidalga

QUINTA DA BOA VISTA

O parque mais frequentado desta capital
 Licores, vinhos finos e de todas as qualidades, cervejas, refrescos, sandwicks e e comidas frias.

Serviço feito com todo o asseio e promptidão

M. J. PIRES

Tel. 4296 - Villa

GRANDE TINTURARIA LONDRES

Rua 7 de Setembro, 147

Entre Uruguayana e Travessa de São Francisco de Paula

Casa das duas-Portas Largas. Ao lado das afamadas camas arame Serpa, Fazem-se concertos em Roupas de homem TELEPHONE N. 9093

CASA TIMTIM POR TIMTIM

SEMPRE NA PONTA
 Especialidade em petisqueiras a portuguezas E COM ELLAS E SEM ELLAS
 Aberto até 1 Hora da doite

DURAN & BARBOSA

Rua do Lavradio n. 41
 Telefone 3229 RIO DE JANEIRO

Fabrica de Cerveja Oriente

de José Vasquez Ferro
 Rua Viscende do Rio Branco 30



GARIBALDI

Pitoresco parc ao ar livre

(Entrada pela rua da Constituição 53)
 TELEPHONE C. 1673
 Rio de Janeiro

Tinturaria e Alfaiataria RUY BARBOSA

Especialidade em roupas sob medida
 Concerta-se roupas de homens

MORAES & MOREIRA

Tinje-se luto em 24 horas, todas as cores e lava-se toda e qualqurr qualidade de fazendas de seda, lá, algodão, etc. — Tira-se mofo de qualquer fazenda e passamento a ferro; trabalho com perfeição.

Rua Senhor dos Passos, 96
 Tel. 4803-Norte—RIO DE JANEIRO

Café e Bilhares do Campo

Casa especial em café, chocolate, leite de Minas, mingaus, gemadas e ceias

ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE

José Antonio de Azevedo

R. Frei Caneca, 1

Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco

RIO DE JANEIRO

COMPREM

Jaquetas de alpaca..... 19\$000

Jaquetas brancas..... 9\$000

Alfaiataria Barra do Rio :: 200, Rua 7 de Setembro, 200

RIO DÃO O vinho de meza preferido

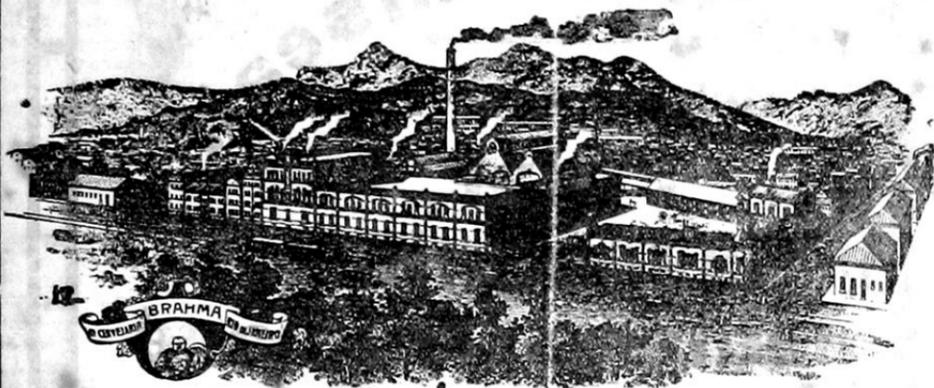
IMPORTADORES

J. Ferreira & C.

Cerveja Park Bier. Estomacal e nutritiva

PRAÇA TIRADENTES, 27

Cervejaria Brahma



Recomenda as suas
afamadas marcas:



Fidalga Malzbier Brahma Porter
que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das
aguas de meza

CERVEJARIA
BOHEMIA

Prefiram sempre as nossas cervejas

Vienna, Aurora, Serrana e Petropolis

DEPOZITO GERAL:

RUA SENADOR POMPEU, 296

TELEFONE: 4000 NORTE

ALFAIATARIA SANTOS DUMONS

Especialidade em jaquetas de alpaca e brancas para "garçons" de restaurants, cafés, bars, brasseries, etc., etc. — Preços modicos

192, Rua 7 de Setembro, 192

CENTRO COSMOPOLITA Séde: RUADO SENADO 215--217
(TELEFONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbe-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, res (aurantes) clubs, bars e demais cazas deste ramo, pessoal competente para banquetes, cazamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivais, conferencias e outros atos de reconhecida moralidade

Atende e chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia

"Caza Rist"

Depozito excludivo de produtos
nacionais

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77

Telefone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das

Aguas de Meza

